

Prefácio

Caro leitor, talvez por vezes te tivesse até ocorrido duvidar uma migalha da exactidão da conhecida tese filosófica segundo a qual o exterior é o interior e o interior é o exterior³. Talvez tivesses guardado mesmo um segredo que te era demasiado querido, na alegria ou na dor que trazia, para po-

3 Kierkegaard prossegue aqui a discussão da não-relação entre o interior e o exterior, iniciada em *Sobre o Conceito de Ironia em Constante Referência a Sócrates*, SV1, vol. XIII, pp. 108-109, e SKS, vol. 1, pp. 74-75. Em Hegel, o exterior e o interior são objecto de tratamento em duas circunstâncias: (1) como categorias de reflexão na lógica em *Die Wissenschaft der Logik, Die objektive Logik* [A Ciência da Lógica, A Lógica Objectiva], Segundo Livro, 3. C., in *Georg Wilhelm Friedrich Hegel's Werke. Vollständige Ausgabe* [Obras de G. W. F. Hegel. Edição Completa], vols. I-XVIII, edição de Phillip Marheineke et al., Berlim, 1832-1845, doravante mencionado como *Werke*; aqui, vol. IV, 6, pp. 177-183; *Sämtliche Werke. Jubiläumsausgabe* [Obras Completas. Edição Comemorativa], vols. I-XXVI, edição Hermann Glockner, Estugarda, 1927-1940, doravante mencionado como *Jubiläums*; aqui, vol. IV, pp. 655-661; e *Georg Wilhelm Friedrich Hegel: Werke in 20 Bänden mit Registerband* [G. F. H.: Obras em 20 Volumes com Volume de Índices], Suhrkamp, Frankfurt am Main, 1986, doravante *Suhrkamp*; aqui, vol. VI, pp. 179-185; e (2) também em *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse, Logik* [Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome. Lógica], primeira parte, §§ 138-140, in *Werke*, vol. VI, 6, pp. 275-281, *Jubiläums*, vol. VIII, pp. 313-319, e *Suhrkamp*, vol. VIII, pp. 274-279. Vd., em português, G. W. F. Hegel, *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome*, tradução de Artur Morão, vols. I-III, Lisboa: Edições 70, 1988-1992; vol. I, 1988, pp. 169-170. Também Johan Ludvig Heiberg (1791-1860), a personalidade dominante no campo da literatura e da filosofia no tempo de Kierkegaard e igualmente um dos mentores do hegelianismo dinamarquês, defendera uma teoria das aparências na qual estipulava a supremacia do exterior sobre o interior como critério estético, sendo que o objectivo único da crítica seria analisar a forma, enquanto factor determinante para o entendimento do conteúdo; vd., entre outros escritos, *Om Philosophiens Betydning for den nuværende Tid. Et Indbydelses-Skrift til en Række af filosofiske Forelæsninger* [Sobre a Importância da Filosofia para o Nosso Tempo. Anúncio de Uma Série de Conferências Filosóficas], Copenhaga, 1833; vd. *op. cit.*, vol. II, pp. 129-215; sobre este assunto, pp. 198-199. Adiante-se que a discussão das assimetrias e divergências entre o exterior e o interior é o tema da *Novelle Peter Schlemihls* de Adelbert von Chamisso. Vd. nota seguinte.

deres confiá-lo a terceiros. Talvez a vida te pusesse em contacto com pessoas das quais presumias ser este o caso, sem que contudo o teu poder, ou a tua insinuação, fossem capazes de levar o oculto a manifestar-se. Talvez nenhum destes casos se aplique a ti, ou à tua vida, e essa dúvida não te é todavia desconhecida; sentiste que passava de vez em quando pelo teu pensamento, pairando como uma figura fugaz. Semelhante dúvida vai e vem, e ninguém sabe de onde vem e para onde se dirige. Pela minha parte, tive sempre uma propensão herética em relação a este ponto da filosofia e, por isso, habituei-me desde cedo, tanto quanto possível, a ser eu a fazer observações e investigações; procurei orientação em autores⁴ cuja intuição a este respeito eu partilhava, em suma, fiz tudo o que estava ao meu alcance para compensar a lacuna deixada pelos escritos filosóficos. A pouco e pouco, a audição tornou-se, então, para mim no mais querido dos sentidos; pois que tal como a voz é a manifestação da interioridade que é incomensurável com o exterior, também o ouvido é o instrumento através do qual se apreende esta interioridade, e a audição é o sentido por meio do qual nos apropriamos dela. Sempre que deparava com uma contradição entre o que via e o que ouvia, achava, então, que a minha dúvida ficava mais forte, e que o meu desejo de observar se intensificava. Um confessor está separado do penitente por uma grelha; não vê, limita-se a ouvir. A pouco e pouco, à medida que ouve, cria um exterior em correspondência com o que ouve; portanto, não entra em contradição. Passa-se outra coisa, ao invés, quando se vê e se ouve em simultâneo, vendo-se todavia uma grelha entre si e o interlocutor⁵. Os meus esforços [12] para colocar observações nesse sentido foram bastante desiguais, no que diz respeito aos resultados. Uma vez tive a felicidade do meu lado, outras vezes, não tive, e é sempre preciso ter felicidade para tirar algum proveito destas andanças. Entretanto, nunca todavia perdi a vontade de prosseguir com as minhas investigações. Se bem que estivesse perto, uma única vez, de me arrepender da minha persistência, também os meus esforços se viram coroados, uma única vez, por uma

4 Como presumíveis autores consultados, para além de Joseph K. B. F. von Eichendorff, através da mencionada *Novelle Dichter und ihre Gesellen*, J. Purver aponta Ludwig Achim von Arnim (1781-1831), com outra *Novelle* de 1810, *Armut, Reichthum, Schuld und Buße der Gräfin Dolores* [Pobreza, Riqueza, Culpa e Penitência da Condessa Dolores], doravante mencionada como *Dolores*; e também, Adelbert von Chamisso, em especial com *Peter Schlemihls wundersame Geschichte* [A História Espantosa de P. S.]. Vd. Judith Purver, «Without Authority: Kierkegaard's Pseudonymous Works as Romantic Narratives», in *Kierkegaard Studies. Yearbook 2007*, edição de Niels J. Cappelørn et alii, Berlim, Nova Iorque: 2007, pp. 401-423; aqui, pp. 405-406, 408, 412-415; doravante mencionado por Purver, *Authority*.

5 Este é um dos elementos presentes igualmente em *Dolores*, a par do episódio da secretária comentado na nota seguinte.

inesperada fortuna. Uma dessas fortunas inesperadas fez com que, de um modo muitíssimo curioso, eu viesse a encontrar-me na posse dos papéis que ora tenho a honra de submeter ao público leitor. Encontrei nestes papéis a oportunidade de lançar um olhar sobre a vida de duas pessoas, fortalecendo-se a minha dúvida de que o exterior não é o interior. Isto é válido em especial para uma delas. O seu exterior estava em plena contradição com o interior. Em certa medida, também é válido para a outra, tendo em conta que sob um exterior mais insignificante escondia um interior mais significativo.

Não obstante, será certamente melhor que por uma questão de ordem eu comece por narrar como cheguei à posse desses papéis. Há cerca de sete anos, numa loja de velharias aqui da cidade, reparei numa secretária que chamou a si a minha atenção logo da primeira vez que a vi. Não era de talhe moderno, estava bastante usada e, contudo, cativou-me. É-me impossível explicar o motivo desta impressão, mas muita gente já passou decerto por algo de parecido alguma vez na vida. A minha volta diária levava-me a passar pelo antiquário e pela sua secretária, e nunca eu deixava correr um dos dias em que por lá passava sem cravar os olhos nela. A pouco e pouco, aquela secretária criou em mim uma história: surgia-me a necessidade de a ver e, para cumprir tal fim, nem sequer hesitava em fazer um desvio por sua causa, quando numa altura excepcional se tornava premente vê-la. Quanto mais a via, tanto mais despertava o meu desejo de querer possuí-la. Bem sentia eu que este era um estranho desejo, visto que nenhum uso faria deste móvel; adquiri-lo seria uma extravagância da minha parte. Ora o desejo, como é sabido, é muito sofisticado. Arranjei uns assuntos para tratar naquela loja de velharias, perguntei por outras coisas e, quando estava para sair, fiz de *passagem* uma oferta bastante baixa pela secretária. Pensava eu que possivelmente o antiquário haveria de aceitá-la. Teria sido, então, uma casualidade a fazer com que a secretária me viesse parar às mãos. Não era de certeza por causa do dinheiro que eu agia desse modo, mas por causa da minha consciência. |13| Não fui bem-sucedido, o antiquário estava invulgarmente determinado. Durante algum tempo, tornei a passar por lá todos os dias, e contemplava a secretária com olhos apaixonados. Tens de decidir-te, pensei eu, supõe que é vendida, depois será tarde; mesmo que, numa outra vez, venhas a conseguir ficar com ela, contudo, não mais obterás esta impressão dela. Palpitava-me o coração quando entrei, então, na loja de velharias. Comprei-a e paguei-a. Que seja esta a última vez em que és tão perdulário, pensei eu; bem, é justamente uma felicidade que a tenhas comprado, visto que sempre que a contemplares, haverás de pensar no quanto tu foste perdulário; com a secretária, inaugurar-se-á um novo capítulo na tua vida. Ai, o desejo é muito eloquente, e as boas intenções estão sempre à mão.

Mandei, então, instalar a secretária no meu quarto e, tal como nos primeiros tempos de enamoramento eu sentira alegria ao observá-la da rua, também agora passava eu por ela em casa. A pouco e pouco, aprendi a conhecer todo o seu abundante conteúdo, os seus muitos compartimentos e gavetas, e sentia-me em todos os aspectos muito satisfeito com ela⁶. Não haveria, porém, de assim continuar. No Verão de 1836, os meus afazeres permitiram-me realizar uma pequena digressão pelo campo durante uns oito dias. Mandei vir o postilhão às cinco. Na véspera, fizera as malas com as roupas que precisava de levar; tudo estava em ordem. Já acordara às quatro da manhã, mas a imagem da bela paisagem que eu havia de visitar produziu em mim um efeito tão inebriante que voltei a cair no sono ou em sonhos. O meu criado não quis presumivelmente privar-me de todo o sono que eu conseguisse dormir, visto só me ter chamado às seis e meia. Já soava a trombeta do postilhão e, apesar de habitualmente eu não ser dado a cumprir ordens de terceiros, sempre abri uma exceção para com o postilhão e os seus motivos poéticos. Vesti-me à pressa; já estava à porta quando me ocorreu o seguinte: será que tens dinheiro suficiente na carteira? Não havia lá grande coisa. Abri a secretária para ir à gaveta do dinheiro, e retirar o que tivesse em casa. Mas vede, a gaveta nem sequer se movia! Todos os meios foram baldados. Não podia haver maior fatalidade do que ter de enfrentar tais dificuldades precisamente no instante em que nos meus ouvidos ressoavam ainda os encantos dos sons do postilhão. Subiu-me o sangue à cabeça; fiquei exasperado. Tal como Xerxes mandara flagelar os mares⁷, assim decidi eu aplicar uma terrível vingança. Mandei vir um maço. Usei-o para desferir na secretária uma pancada terrivelmente violenta. Quer tivesse sido eu, na minha ira, a falhar o golpe, quer fosse porque a gaveta era tão casmurra quanto eu, [14] o efeito não foi o previsto. A gaveta estava fecha-

6 Encontram-se neste parágrafo elementos narrativos inspirados na *Novelle Dichter und ihre Gesellen* de Eichendorff, designadamente, o arrombamento da secretária e o toque do postilhão, os quais, uma vez articulados com a inclusão de uma caixa de pistolas no episódio, permitem a Purver concluir que Kierkegaard encerra neste momento um período de criação literária sob a influência de *Die Leiden des jungen Werthers* [O Sofrimento do Jovem Werther] de 1874, a *Novelle* epistolar de Johann W. von Goethe (1749-1832). Kierkegaard seguiu assim o rumo trilhado por Eichendorff, e também por Arnim e Brentano, os quais se dirigem ao leitor apresentando propostas éticas e religiosas através de uma crítica dos valores veiculados na sua época e da valorização das escolhas de vida individuais aplicáveis à sua inscrição no tempo histórico; vd. Purver, *Authority*, pp. 22-23.

7 Trata-se da reacção de Xerxes ao saber que uma violenta tempestade destruiu as pontes sobre o estreito de Dardanelos. Narrado em *Histórias* de Heródoto (c. 484-c. 420 a. C.), livro VII, vv. 34-35; edição consultada pelo autor: *Die Geschichten des Herodotos* [As Histórias de H.], vols. I-II, tradução de Friedrich Lange, Berlim: 1811; vol. II, pp. 347-349. Vd. *Herodotus, The Persian Wars* [As Guerras Persas], vols. I-IV, tradução de A. D. Godley (Loeb), Nova Iorque: Putnam, 1921-1924; vol. III, pp. 347-349.

da e fechada ficou. Sucedeu, ao invés, uma coisa diferente. Fosse porque o meu golpe atingira precisamente aquele ponto, ou porque todo o abalo produzido na estrutura geral da secretária tal tivesse ocasionado, é coisa que não sei, mas sei que saltou uma portinhola secreta na qual eu nunca antes reparara. Fechava-se sobre um esconderijo, o qual obviamente eu também não havia desvendado. Para minha grande admiração, descobri aí uma quantidade de papéis, os papéis que constituem o conteúdo dos escritos ora submetidos. A minha decisão manteve-se inabalável. Na primeira estação, iria contrair um empréstimo. Na maior das pressas, esvaziei uma caixa de mogno na qual costumava estar guardado um par de pistolas, e depusitei nela os papéis. A alegria triunfara ganhando um inesperado incremento; no íntimo do meu coração, pedi perdão à secretária pelo duro tratamento, enquanto o meu pensamento via fortalecida a dúvida de que o exterior não é todavia o interior, e comprovada a minha tese experimental de que é preciso ter fortuna para fazer tais descobertas.

A meio da tarde cheguei a Hillerød⁸, pus as minhas finanças em ordem, deixei que a magnífica paisagem produzisse em mim uma impressão geral. Logo na manhã seguinte comecei as minhas excursões, dotadas agora de um carácter completamente diverso daquele que eu inicialmente lhes destinara. O meu criado seguia atrás de mim com a caixa de mogno. Procurava, então, um lugar romântico na floresta, onde tanto quanto possível pudesse ter a certeza de evitar qualquer surpresa, e retirava os documentos da caixa. O estalajadeiro, que ficara um tanto atento às minhas frequentes deambulações na companhia da caixa de mogno, manifestou-se dizendo que talvez eu estivesse a praticar o tiro de pistola. Mostrei-me muito reconhecido pelo seu reparo e deixei-o ficar nessa crença.

Um olhar de relance aos papéis encontrados mostrou-me facilmente que constituíam duas formações, cuja diferença estava igualmente acentuada no exterior. Uma estava escrita numa espécie de papel velino de carta, in-quarto, com uma margem bastante larga. A caligrafia era legível, por vezes mesmo um pouco rebuscada, noutros passos esborratada. O outro estava escrito em folhas inteiras de papel de ofício com colunas marcadas, tal como se escreve em documentos legais ou em outros afins. A caligrafia era clara, um tanto distendida, uniforme e regular; parecia pertencer a um comerciante. Também o conteúdo mostrou desde logo que era diferente; uma das partes continha uma quantidade de ensaios estéticos, de dimensão maior ou menor, a outra era composta por 1151 duas grandes pesquisas e uma menor, todas de conteúdo ético, ao que parece, e em forma epistolar. Observando com maior pormenor, ficou a diferença cabalmente reforçada. A última formação de papéis é designadamente constituída por cartas, dirigidas ao autor da primeira.

8 Pequena cidade da Zelândia, a norte de Copenhaga.